



# LER EM FAMÍLIA, LER NA ESCOLA, LER NA BIBLIOTECA: BOAS PRÁTICAS

CRISTINA VIEIRA DA SILVA  
MARTA MARTINS  
JOANA CAVALCANTI

VERSÃO COMPLETA EM [HTTP://REPOSITORIO.ESEPF.PT/HANDLE/10000/665](http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/665)

PAULA  
FRASSINETTI



# No Laboratório, Preparando Magia para a Hora do Conto

MARGARIDA QUINTA E COSTA<sup>1</sup>

## Resumo

Com este trabalho, queremos salienta a importância da “hora do conto” no desenvolvimento global da criança e do jovem propondo uma prática de animação da leitura. Ao contar histórias, criam-se condições para que quem ouve amplie o seu mundo simbólico e desenvolva a consciência das suas emoções. Além disso, a animação da leitura é uma atividade que contribui para a melhor compreensão de um texto, desenvolvendo o espírito crítico e permitindo contrapor as expectativas e interesses com as vivências que favorecem a compreensão da realidade. Assim, o animador deve ser um facilitador do processo de aprendizagem que medeia a relação da criança com o livro como que o orientando nos primeiros passos, para que, posteriormente, ele caminhe sozinho. Numa visão globalizada do conhecimento, não é possível separar as áreas do saber, isolando as Ciências Físicas e Naturais. Os contos, para além de poderem ter como personagens alguns animais, de algum modo referem situações ou acontecimentos que têm uma explicação de base científica. Por isso, propomos uma dinâmica na ação pedagógica criando vivências que concretizam o imaginário, despertando assim a curiosidade para a compreensão de alguns fenómenos científicos.

Desenvolvemos este projeto em dois momentos: com cinco educadoras/animadoras e com um grupo de treze crianças do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Propusemos a realização individual ou em pares de uma experiência da área das ciências físicas e naturais: nela, os intervenientes prepararam materiais, criando, por exemplo, uma personagem, sendo definidos alguns parâmetros científicos comuns a todos, mas deixando os adereços à escolha de cada um. Num momento específico da leitura do conto, foram convidados a realizar alguns pro-

cedimentos que permitiram um maior envolvimento na história. No início, as educadoras/animadoras, embora nunca tivessem participado nesta técnica de animação, viam a magia como algo indefinido: “fazer acontecer”, “permitir sonhar”. Algumas crianças não sabiam o que significava e outras achavam que o imaginar é que era mágico. Todos os intervenientes gostaram de realizar as experiências na hora do conto porque descobriram que era mesmo magia, pois “o maravilhoso concretiza-se” e “a realidade e o imaginário complementam-se”. No final, os participantes questionaram-se sobre a base científica da experiência realizada. Pensando em conjunto e relacionando a informação fornecida, compreenderam as reações ocorridas. Ao aliarmos o caráter lúdico da experiência ao didático, pensamos que a hora do conto pode incentivar não só o gosto pela leitura como a compreensão da realidade. Deste modo, pretendemos contribuir para o desenvolvimento da literacia de leitura e da literacia científica.

## Palavras-chave

Literatura infantil,  
Experiências,  
Animação da leitura.

## Abstract

This project pretends to show how important is storytelling as a practice of reading in the overall development of children and youth. By telling stories, you can create conditions to those who are listening to broaden their symbolic world and to develop awareness of their emotions. Also, the storytelling is an activity that contributes to a better understanding of a text, developing critical thinking and allowing the confrontation of interests and expectations with life experiences that foster an understanding of reality. Thus, the animator must be a facilitator of the learning process that mediates the relationship between the child and the book, guiding its first steps, so that later the child can walk alone. With a globalized vision of knowledge, you can't isolate disciplines as the physical and natural sciences, because the tales somehow relate situations or events that have a scientific explanation, besides the fact that they may have also some animals as characters. Therefore, we propose a model to create laboratorial experiences that explain the imaginary moments, by arousing curiosity for the understanding of some scientific phenomena.

We developed this project in two phases: first, with five

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal, mqcosta@esepf.pt

teachers/animators and then with a group of thirteen children from the 1st and 2nd degree of basic education. We proposed them to perform an experience in the area of natural sciences individually or in pairs. They prepared the materials, creating, for example, a character with some scientific parameters common to all, but leaving to each one the choice of the props. At a specific moment of the tale, they were asked to perform some procedures that allowed their participation in the story. In the beginning, the teachers/animators, although they had never participated in this kind of animation, thought that magic should be something indefinite: “make it happen”, “enable dreaming”. Some children didn’t know what it meant and others thought that magic was what they imagine. All players enjoyed the experience performed at the time of the story because they found that it was really magic, as “the wonderful happens” and “reality and imagination are complementary”. At the end, participants were questioned about the scientific basis of the experience performed. By thinking and relating the information supplied they understood the reactions that occurred. Combining the playful character of the educational experiences, we think that the storytelling can not only foster the pleasure of reading but also promote the understanding of reality. Accordingly, we intend to contribute to the development of scientific and reading literacy.

---

### **Keywords**

Literature for children;  
Experimental science;  
Storytelling.

---

### **Introdução**

Os estudos europeus alertam para o facto das crianças portuguesas não terem hábitos de leitura e, por isso, não demonstrarem desenvolvidas as competências de interpretação e compreensão de um texto. De um modo abrangente, apresentam baixos índices de literacia, sendo esta a capacidade ampla de interpretar o conhecimento e o mundo, abrangendo a capacidade de ler, escrever, compreender o conhecimento humano, mas também associado ao conhecimento em geral, aprendizagem e educação, mesmo por via da transmissão oral ou da experiência de vida (OCDE, 2011). Os resultados globais de estudos nacionais e internacionais, realizados nas últimas duas décadas, demonstram que a situação de Portugal é grave, revelando níveis de literacia significativamente inferiores à média europeia, tanto na população adulta, como entre crianças e jovens em idade escolar. Estes resultados apontam para um fraco desenvolvimento científico da população uma vez que altos níveis de literacia científica estão associados a níveis mais altos de educação e qualificação, promovendo o crescimento económico dos países (OCDE, 2011). Níveis homogéneos de literacia, dentro de uma população, são essenciais para se desenvolver a tolerância, coesão social e igualdade de oportunidade na sociedade moderna. Com a dinamização da hora do conto, pretende-se contribuir para colmatar as lacunas ao nível da literacia leitora, uma vez que a dinamização do conto promove o gosto pela leitura. Quem ouve histórias desenvolve a capacidade de entender e imaginar, enriquecendo a sua leitura do mundo. Criam-se condições para que quem ouve amplie o seu mundo simbólico e desenvolva a consciência das suas emoções, vivenciando o conto como fazendo parte dele (Jolibert, 2003). A narração de um conto pode assim contribuir para a melhor compreensão do texto e favorecer a compreensão da realidade porque permite contrapor as expectativas e interesses do leitor com as suas vivências. A análise e discussão aberta sobre o texto permitem desenvolver o espírito crítico.

A leitura ou narração de uma história pode ser enriquecida pela dinamização do conto que pretende facilitar o melhor entendimento do texto pela interação da narrativa com a dramatização, os adereços, a música, os cenários, entre outros. Neste contexto, o animador da leitura é um facilitador do processo de aprendizagem, uma vez que medeia a relação da criança com o livro. Orientando os primeiros passos na relação com o texto ouvido, pro-

porciona que, posteriormente, o leitor caminhe sozinho na busca do imaginário e do real promovendo o gosto pela leitura. A dinamização da hora do conto é um apelo à motivação da criança para a leitura e para a criatividade da escrita (Gillig, 1999). Na animação da leitura, são utilizadas algumas técnicas que complementam a história narrada e que devem ser adaptadas às idades das crianças ou jovens. Algumas dessas técnicas são: o auxílio do livro, utilizado durante a leitura e valorizando as suas ilustrações; a produção de sons que pretendem trazer para a realidade alguns momentos da narrativa; o convite a imaginar uma realidade ou a recordar uma memória no sentido de envolver o ouvinte; a associação com atividades de pintura ou canções; a utilização do flanelógrafo como suporte de imagens pertencentes à história; a utilização de fantoches dos personagens, entre outros (Mata, 2008). Ao utilizar estas técnicas, o narrador valoriza o conteúdo da história mas também promove o desenvolvimento de outras componentes como a motricidade (na manipulação de materiais), a oralidade (na partilha das suas vivências) ou a criatividade (nas pinturas e outras manifestações artísticas), entre outras.

Na multidisciplinaridade emergente do processo que envolve a animação da leitura, não podemos descuidar a área das Ciências Físicas e Naturais. O conhecimento do mundo que suporta o conto, as personagens (muitas das vezes animais), o salto do real para o imaginário e os próprios acontecimentos narrados têm como base explicações científicas, muitas das vezes não exploradas. Mas mais do que ensinar ciência pretende-se que sejam proporcionados momentos de aprendizagem de ciência. Assim, a realização de experiências pode ser apresentada com uma vertente lúdica, completando os componentes da história, mas também na sua componente formativa. As experiências laboratoriais são consideradas promotoras de aprendizagens das ciências por aumentarem a motivação dos alunos e por proporcionarem uma maior interação entre os alunos e entre estes e o professor, o que pode promover um ambiente saudável de aprendizagem. Com o apoio e sobre a orientação do professor, o aluno constrói o seu conhecimento a partir das atividades experimentais. Além disso, a organização dos alunos em grupos permite um trabalho cooperativo que desenvolve competências sociais bem como atitudes positivas em relação às ciências. Pensar criticamente sobre a informação dada e questionar a sua aplicabilidade permite conhecer melhor a natureza

que nos rodeia e da qual fazemos parte (Caraça, 2007). Orientados por estes pressupostos, propomos uma prática de animação da leitura que alia a importância da hora do conto à potencialidade do ensino experimental das ciências, tornando real um acontecimento imaginário. Esta proposta baseia-se numa visão globalizada do conhecimento, criando vivências cientificamente explicadas que concretizam o imaginário. Pretende-se assim despertar a curiosidade para a compreensão de alguns fenómenos científicos.

## Metodologia

O projeto foi desenvolvido inicialmente em contexto de oficina no 4º Encontro *Sementes de Leitura e Artes* e ocorreu no Laboratório da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no Porto. Nesta primeira abordagem, foram envolvidos cinco formandos (animadores de leitura, educadores e professores do ensino básico). As histórias dinamizadas foram: *A bela adormecida*; *A rã e o boi*; *Alice no país das maravilhas* e *O dragão e o príncipe*. Propusemos também uma abordagem diferente criando um conto a partir de uma experiência, metodologia que pode ser produtiva como mote para desenvolver uma atividade de escrita criativa. Numa segunda fase, desenvolvemos o projeto com 13 crianças (seis do 1º e sete do 2º Ciclos do Ensino Básico) de uma sala de estudo, em contexto de oficina de férias.

Na preparação da atividade, organizámos os participantes e distribuímos materiais de modo a que, individualmente ou em grupos de 2 ou 3 elementos, construíssem os personagens e os cenários. Depois, começamos a narração do conto e, em determinado momento, interrompemos e convidámos os participantes a realizarem a experiência fornecendo as indicações necessárias.



Figura 1  
Mudança de cor do indicador de couve roxa

Para animar o conto *A Bela adormecida* usamos uma reação de ácido/base e indicador de pH (extraído de fragmentos de couve roxa com água a ferver). A solução roxa torna-se cor-de-rosa em meio ácido, pela adição de vinagre, ou seja ácido acético. A solução torna-se azul esverdeado pela adição de solução de amónia, o líquido incolor de limpeza de vidros (Figura 1).

Na animação de *A rã e o boi*, utilizamos a reação do vinagre (ácido acético) com o bicarbonato de sódio. Os carbonatos em meio ácido libertam dióxido de carbono,

o gás que, no final da atividade, enche o balão colocado no gargalo do recipiente.

No lanche louco de *Alice no país das maravilhas*, colocamos leite frio e sobre este deitamos, lentamente, chá quente que, por ter menor densidade, flutua sobre o leite. Para ser mais fácil colocar o chá e para que este não se misture com o leite, colocamos no leite uma rodela de cortiça, que também flutua. Ao deitar o chá em cima da cortiça, este escorre lentamente para o leite e não se mistura. No final de cada experiência, terminamos a narração do conto respectivo. Por fim, questionados sobre os reagentes e os resultados observados na experiência, pudemos constatar que os participantes envolvidos compreenderam a base científica das experiências.

Para avaliação das duas oficinas, foi pedido aos intervenientes que, antes de realizarem qualquer atividade, escrevessem qual a expectativa que tinham sobre o conceito de “magia na hora do conto”. No final da oficina, foi novamente pedido que escrevessem a opinião que tinham formado, após realizarem a atividade.

### Resultados e conclusões

Vamos apresentar apenas as atividades desenvolvidas com os três primeiros contos (*A Bela adormecida*, *A rã e o boi* e *Alice no país das maravilhas*), pois foram realizadas em ambas as fases do projeto.



Figura 2  
Preparação da Bela adormecida

Com o conto *A Bela adormecida*, entregámos vários tipos de papel de diferentes cores,

tesoura, fita-cola e cola a cada um dos grupos para poderem construir a parte superior dos adereços da Bela adormecida, usando um matraz de vidro como saia do vestido (Figura 2). Distribuímos o papel de fadas madrinhãs, Flora e Fauna, por dois elementos de cada grupo. Cada uma ficou munida de uma solução mágica (vinagre e líquido de limpeza dos vidros) e de meia palhinha que, funcionando de conta-gotas, foi usada como a varinha mágica das fadas. O narrador, papel que assumi, participou como a fada Primavera e por isso distribuiu pelos matrizes solução de indicador de couve roxa (Figura 3). Em cada grupo, a Bela adormecida ficou com a saia roxa. Resumido o início do conto, concentrámo-nos no seguinte excerto: “... As fadas es-



Figura 3  
A Bela adormecida

tão escondidas na casa da floresta com a princesa, sem fazerem magias para não serem descobertas pelo corvo da rainha má. Porém, quase no dia da festa, as fadas fizeram o vestido da princesa mas discordavam da cor escolhida por Primavera: uma saia roxa. Fauna e Flora, usando as suas varinhas mágicas decidiram mudar a cor do vestido e começaram a usar a magia”. Indicámos às fadas que, alternadamente, colocassem um pouco dos líquidos mágicos. A saia mudou de cor para azul e para cor-de-rosa, alternadamente. Realizada a experiência, terminamos o conto “Pelo uso da magia, foram descobertas pelo corvo...”. No final, conversando sobre os reagentes e os resultados obtidos, pudemos constatar que os participantes compreenderam a reação ocorrida e descrita na parte relativa à metodologia.

No conto *A rã e o boi*, os formandos prepararam uma rã pousada numa pedra. Primeiro, desenharam a rã num balão. Depois, colocaram bicarbonato de sódio no balão e colocaram-no no gargalo de um matraz contendo vinagre, previamente coberto com papel de jornal, parecendo uma pedra. Quando a rã inveja o tamanho do boi e decide inspirar muito ar para crescer, levantam o balão que começará a inchar, para ficar grande como o boi (Figura 4). O balão enche de dióxido de carbono libertado da reação descrita no capítulo da metodologia. O balão não rebenta mas sugerimos, na primeira abordagem, que o furassem com um alfinete. Na atividade com os alunos, rebentámos os balões e, apesar do cheiro intenso a vinagre, foi um resultado recebido com entusiasmo pelo grupo de alunos.

No conto *Alice no país das maravilhas*, os participantes prepararam as orelhas do coelho para encaixar nos dedos indicador e médio e prepararam a asa da chávena num copo transparente, para o chá louco, pois seríamos convidados do lanche (Figura 5). No decorrer da dinamização do conto, foram todos convidados a tomar chá com o Chapeleiro Maluco colocando leite frio em cada copo e uma rodela de cortiça, a pastilha louca. Colocaram o chá sobre a pastilha louca e este não se misturou com o leite, flutuando sobre este.

Para avaliação do projeto, pedimos aos dois grupos (educadoras/ animadoras e de crianças) que descrevessem a conceção que tinham do conceito da magia na hora do conto (Tabela 1). Os adultos associaram-no à realização de experiências, provavelmente porque a oficina decorreu no laboratório. Consideraram que essas experiências faziam acontecer magia porque completavam os contos, permitindo sonhar mas, principalmente, por-

que permitiam acreditar nos acontecimentos. Contudo, afirmaram nunca ter realizado este tipo de atividade e estarem abertas a experiências inovadoras. As crianças expressaram um conceito pouco concreto, usando expressões como mágico, especial e até “viajar no imaginário”.

numa próxima oportunidade”. O animador C considerava que magia era fazer acontecer histórias, experienciar e fazer viver os sonhos. No final, considerou que, para além do mundo maravilhoso do sonho, é importante mostrar a realidade pois “realidade e imaginário complementam-se”. Esta opinião foi partilhada pelo animador D.

**Tabela 1**

Previsões da atividade

Educadoras/animadoras	Crianças
A – Nunca assisti a um conto ou escutei um contador de histórias que adaptasse à sua história a magia, a experiência. Para mim, é completamente motivador e inovador.	Maria, 9 anos - O que eu acho sobre a magia na hora do conto é momentos mágicos e especiais!
B – Todas as situações que propiciem a entrada no mundo do imaginário são bem-vindas e importantes.	Luís, 11 anos - Eu acho que a magia na hora do conto é poder viajar com a imaginação através de cidades, vales e outros sítios!
C – Magias do conto – fazer acontecer as histórias. Transformar os sonhos em utopias ou as utopias em sonhos. Experienciar, viver, fazer viver os sonhos.	Maria, 8 anos – O que acho é aprender na hora do conto.
D – A magia permite sonhar. A magia de ler e nos reconhecer em algo que temos receio de expor.	Diogo, 9 anos – Magia na hora do conto é enquanto me contam uma história eu imagino-a!
E – A magia serve de auxílio na hora do conto, faz acontecer coisas, por exemplo... para dar veracidade e acreditar em diversos acontecimentos e situações. Com a magia podemos ainda trazer a ciência para fora do seu local comum, o laboratório.	Restantes - Não sei!

No final da atividade, pedimos aos participantes que descrevessem qual a opinião que tinham sobre a oficina em que tinham participado, relativamente às suas expectativas iniciais. Todos disseram ter gostado e mostraram estar surpreendidos pelo resultado de juntar o concreto das experiências científicas com o imaginário do conto (Tabela 2). Embora as educadoras/animadoras tivessem previsto a realização das experiências, não tinham tido consciência do resultado prático das propostas. Como afirmava o animador A na sua previsão, a realização da oficina no laboratório fazia prever a realização de experiências. Apesar disso, na sua avaliação final, valorizou a ideia de juntar as duas vertentes sentindo-se impulsionada a realizar atividades idênticas: “vou tentar utilizar

Educadoras/animadoras	Crianças
A - A oficina foi deliciosa. Adorei! A ideia de juntar ciência aos contos resulta às mil maravilhas! Adorei juntar estas duas vertentes, ciência e contos. Aprendi muito. Saio desta oficina com novas ideias que vou tentar utilizar numa próxima oportunidade. Conclui que vale mesmo tudo no conto de histórias.	Maria, 9 anos - Eu adorei estas experiências, foi um momento muito interessante e divertido.
B - Qualquer criança ou adulto que ouça pela primeira vez um conto consegue descobrir um pouco de magia em qualquer história que ouça. A magia do enredo, dos personagens, interligação das mesmas. Nas histórias vale tudo! Na minha opinião, claro!	Luís, 11 anos - Agora já sabemos o que é magia com contos: é mudar de cor com a água.
C - Sonhar é poder voar, é partir para um mundo maravilhoso em que o nosso desejo acaba por ser possível, por mais descabido que possa ser. No entanto, julgo ser importante mostrar também a realidade à criança. Realidade e imaginário complementam-se.	Maria, 8 anos – O que eu mais gostei foi do momento de diversão.
D - As experiências que se fizeram transportam-nos também para o maravilhoso, mas um maravilhoso que se concretiza, real, visível, palpável. No entanto, nem por isso deixa de desvanecer.	Diogo, 9 anos – Adorei experimentar estas experiências.
E - Gostei imenso.	Luísa, 11 anos – O que eu acho que é magia na hora do conto é a parte em que com experiências fazemos magia. João, 10 anos - Gostei muito

**Tabela 2**

Avaliação final da atividade

As crianças, que consideravam que magia era imaginar, eram momentos irreais, afirmaram no final que gostaram da atividade e consideraram que afinal a magia era feita com as experiências.

As educadoras/animadoras, que, normalmente, utilizam diversas técnicas de animação da leitura nos momentos da hora do conto, consideraram ter vivenciado um momento diferente e inovador. Corroboraram a nossa proposta de promover o conhecimento científico em contexto de animação da leitura como uma proposta realista e realizável, pretendendo incorporá-la nas suas práticas: “Saio desta oficina com novas ideias que vou tentar utilizar...”

---

### Considerações finais

Neste projeto, aliámos o carácter lúdico da experiência ao didático, trazendo para a realidade o imaginário de um momento mágico da narração do conto. As atividades propostas constituem-se, por um lado, pela animação da leitura, que estimula o desejo da aproximação do livro para ler e ajuda a formar crianças leitoras, contribuindo para a promoção da literacia de leitura (Jolibert, 2003), e por outro lado, pelo ensino experimental das ciências, que nos primeiros anos de escolaridade pode contribuir de forma decisiva para a promoção da literacia científica (Sá e Varela, 2007). A realização de experiências integradas na narração de um conto pretende incentivar o gosto pela leitura e a compreensão científica da realidade, contribuindo para a promoção da literacia científica e da literacia de leitura.

---

## Referências bibliográficas

- Caraça, J.** (2007). Prefácio in *Despertar para a ciência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian /FCT /Gradiva.
- Gillig, J.** (1999). *O Conto na Psicopedagogia*. Porto Alegre: Artmed.
- Jolibert, J.** (2003). *Formar Crianças Leitoras*. 5ªed. Porto: Edição Asa.
- Mata, J.** (2008). *10 ideas clave animación a la lectura*. Barcelona: Editorial Graó.
- OECD** (2011). *Education at Glance 2011: OECD Indicators, OECD Publishing*. Consultado em 10/09/2011, disponível em <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2011-en>
- Sá, J. e Varela, P.** (2007). *Das Ciências experimentais à literacia – Uma proposta didática para o 1º Ciclo*. Porto: Porto Editora.